NOTAS E TRANSCRIÇÕES

SÔBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA

Sôbre êste interessante assunto, externou-se o ilustre historiador Pe. Serafim Leite S. J., nos documentos que abaixo transcrevemos:

I

CARTA A AIRES DE MONTALBO

Recebi com muito prazer a sua boa e erudita carta de 18 de abril.

Eu não estudei a fundação da cidade de Fortaleza no século XVII, por as suas primeiras raízes não se enlaçarem com a Companhia de Jesus no Brasil. Qualquer intervenção minha nesse debate de agora só poderia ser útil no plano científico se dispusesse de provas documentais ou possibilidade de as procurar e organizar com êsse escopo. À falta delas, limito-me a algumas considerações sugeridas pela sua própria carta.

Quanto à Barra do Ceará, eu diria que se ela está incluída no perímetro da atual capital, e se de Nova Lisboa, fortaleza de S. Sebastião e ermida de N. S. da Ajuda, ainda havia vestígios à chegada dos Holandeses, Soares Moreno poderia dalguma forma ser considerado fundador. Não se realizando estas condições, não vejo como êle possa ser fundador da cidade de Fortaleza. O seu título próprio seria o de **fundador do Ceará** que na história local é o primeiro. E é o do Estado.

Pelo que toca à cidade, publiquei na **História** a planta inédita da «Vila nova da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção da Capitania do Ceará Grande que S. Mag. de que Deos guarde foy cervido mandar criar», em 1726 (**História** III 84/85). Essa vila, então criada, é a cidade de hoje. Pergunta-se: Seria ainda a mesma povoação que se formou junto do forte holandês? Não seria já outra **nova?** Se fôsse a mesma — **sem solução de continuidade** — a fundação holandesa da atual cidade teria base histórica. Fato análogo ao de São Luís do Maranhão, embora S. Luís se fundasse antes do estabelecimento dos Portuguêses, portanto ainda sem a odiosidade que assumiria mais tarde a invasão holandesa no Estado, já organizado, do Brasil.

Mas se não era materialmente a mesma, se entre o forte e a atual cidade houve interrupção (com a ruina do pequeno aglomerado holandês na reconquista luso-brasileira), convirla ver quando e por quem foi feito o estabelecimento definitivo. que já não seria holandês. Daí procederia a atual cidade. E, segundo penso, está aqui a chave da questão. Aqui e no equívoco do nome.

Entre o que se passou no Ceará e o que sucedeu na Guanabara há paralelismo histórico. Em ponto menor, mas o paralelismo é evidente. A fundação da cidade do Rio de Janeiro data-se de Estácio de Sá, não se data duma ou outra fortaleza, que por ali tinha existido antes, com as respectivas povoações anexas e até com os nomes de fundadores bem conhecidos, um dos quais Villegaignon. Assuntos interessantes, dignos de estudo em Academias e Institutos como fatos de história, que podem levar um ou outro nome à esquina duma rua. Todavia, para-se na esquina. Nenhum dêsses fundadores das fortalezas precedentes se tem, nem celebra ou dá por fundador da cidade do Rio de Janeiro.

No caso da capital do Ceará, parece que influiu também demasiado o equívoco do nome, que é um substantivo comum, susceptível de receber diversos qualificativos. Nós aprendemos na Lógica Menor a desenredar êsse jôgo. O holandês fundou uma fortaleza, a cidade chama-se Fortaleza, o holandês fundou a cidade. Teria o holandês fundado a «Fortaleza de N. S. da Assunção», que traz a planta da Vila Nova de 1726? E não procederá o nome atual da cidade?

Como não posso fazer pesquisas (faltam-me aqui os instrumentos indispensáveis de trabalho), limito-me a perguntas, que devem ser estudadas e respondidas com método. E com isenção. Depois, qualquer que seja a resposta, ela deve ser respeitada històricamente, mesmo se a atual cidade proviesse do holandês, o que não é fácil de **admitir a priori**, por tropeçar com aquela grande «pedra no caminho», que foi a guerra de reconquista luso-brasileira.

Repare que digo respeitar **històricamente**, não digo **nacionalmente**. Averiguar e reconhecer uma data não é o mesmo que celebrá-la. Porque, enfim, o nome é uma coisa, a fundação da cidade outra; e o critério para homenagens de praça pública depende, nos fatos históricos, do que êles significam de nacional, não do que implicam de antinacional. O sentimento brasileiro coloca, nesta última e pouco amável categoria, o forte francês do Rio de Janeiro e o forte holandês do regato Pajeú. Um e outro ameaçavam a unidade do Brasil. Basta ter olhos para ver e ficar dentro da «Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção». Se a invasão holandesa tivesse prevalecido, a capital do Ceará não se chamaria Fortaleza da Assunção, nem mesmo «Fortaleza», mas «Schoonenborch», que era o nome do forte, êsse outro semelhante, e não teria sido **portuguêsa**; o que vem a dizer, por outras palavras, que ela não seria hoje **brasileira**. Aspecto nacional de que não se pode fazer abstração em comemorações cívicas. Idéia arbitrária? Não é arbitrária. Funda-se no uso geral dos povos em consagrações dêsse gênero; e já teve efeitos dirimentes no Recife, em 1955, numa projetada homenagem a Nassau que por isso mesmo não se realizou.

Adeus. Memento mei.

Muito amigo in Dº

Serafim Leite S. J.

II

NOTA SÔBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA

Nos meios jornalísticos de Fortaleza manifestou-se a tendência de alguns para atribuir a fundação desta cidade aos Holandeses, resistindo outros a semelhante novidade. Intrometeram-se na questão elementos políticos e até pruridos de

polêmica religiosa, aspectos de que aqui nos alheamos. Pelo que é pròpriamente histórico, vislumbra-se nesse movimento uma atitude em dois passos: primeiro, desacreditar a colonização portuguêsa, como preparação ao segundo passo que é explicar a invasão e glorificar o holandês. Para isso dalguma forma se isolou a Capitania do Ceará do resto do Brasil, — pressuposto, que a história não justifica, e ao qual não será inútil consagrar uns momentos de atenção.

Quando os Portuguêses chegaram em 1500, o Brasil era uma incógnita: dispersas pela selva imensa, que tudo então era, inúmeras nações de índios sem nexo político entre si; quando, daí a mais de um século, sobreveio a invasão holandesa, os adventícios não acharam apenas selva para civilizar e organizar, mas já, constituído, rico e florescente, o Estado do Brasil. Diferença radical dentro da história, que coloca em situação diferente uns e outros. Os Portuguêses criaram o Estado do Brasil; os Holandeses, ocupando apenas parte dêle, se triunfassem, teriam destruído a unidade da nação. Porque, desde que os Portuguêses, com a instituição do Govêrno Geral em 1549, lançaram as bases geopolíticas do Brasil, sempre, com Nóbrega, se considerou a América Portuguêsa não em função desta ou daquela Capitania mas tôdas e cada uma das Capitanias em função do Estado do Brasil, núcleo formal da NAÇÃO BRASILEIRA.

As Capitanias não se organizaram tôdas ao mesmo tempo, dado que o Brasil nasceu e se criou progressivamente. Umas precederam o Govêrno Geral, outras vieram depois. Houve-as que prosperaram logo, algumas não. Pertence ao número das que não foram logo felizes a do Ceará, quando se tentou a sua organização, já no século XVII. Culpa dos Portuguêses? Quem o afirmasse daria provas de não conhecer bem as dificuldades locais, econômicas e mesmo meteorológicas, nem advertiria que êste gênero de circunstâncias é independente da vontade dos homens e dos governos. Ainda hoje, no século XX, existem dentro do Brasil enormes áreas que não estão «colonizadas». Culpa do Brasil? Também é fácil dizê-lo para efeitos políticos ou interêsses transitórios de partido. Menos fácil é vencerem-se os obstáculos da própria natureza, que nalgumas regiões estorvam a vida humana, o seu estabelecimento e expansão. Quando chegará o dia em que o homem domine por completo a selva inextricável da Amazônia e as suas inundações anuais?...

A par dos FATOS históricos, considerados em si mesmos, há o JUÍZO que dêles se forma. Assenta um princípio, universalmente admitido, que importa registar para aferir consequências. Os acontecimentos, que constituem a trama duma nação, não se podem omitir, quer sejam favoráveis, quer adversos: narra-os o historiador com a possível objetividade e julga-os por uma lei constante: o que contribuiu para a formação, engrandecimento, integridade e unidade da nação, expõe-no, e, sendo caso, louva-o; o que atentou contra êsses elementos essenciais expõe-no, e, sendo caso, louva não quem cometeu o atentado, mas quem impediu que êle se consumasse. Semelhante critério de julgar os fatos históricos é reflexo natural do instinto de conservação dos indivíduos e das nações. Compreender-se-ia mal, por exemplo, que um brasileiro, abafando tão primordial instinto, glorificasse o que atentou contra a integridade e unidade do Brasil. Norma válida até na hipótese de os Holandeses serem os fundadores de Fortaleza, nem se diga que é só por não serem Portuguêses. Porque a mesma norma já não é válida para os Franceses, fundadores da cidade de S. Luís do Maranhão. A razão é que o Maranhão, embora dentro da demarcação jurídica de Portugal, ainda então não estava integrado no Estado do Brasil. O Ceará já se tinha incorporado. O Sentimento nacional brasileiro distingue, pois o que já era o Brasil do que ainda o não era, sem deixar de sentir regozijo por se ter operado a conquista do Maranhão e alargado as fronteiras do Brasil, a tempo ainda de se constituir uma nação homogênea.

Para se proceder à incorporação efetiva do Maranhão nos limites do Brasil houve uma guerra de CONQUISTA; para o Ceará voltar a ser do Estado do Brasil

a que pertencia, a guerra que houve foi já de RESISTENCIA E RECONQUISTA; e não se vê como se possa unir com êsse glorioso espírito luso-brasileiro de reconquista, a glorificação do inimigo que tendia à desintegração da pátria que se formava. Isto, mesmo na hipótese — dizemos — de o holandês ser o fundador de Fortaleza.

Mas quem fundou a Cidade de Fortaleza? Afirmar, como já se aventou, que o fortim holandês de 1649 foi o «primeiro prédio» da futura cidade, parece não se compaginar com o que se lê no diário do fundador dêsse fortim, Matias Beck, a saber, que já antes de êle chegar andavam por ali Portuguêses a extrair «minerais ou metais». Dormiriam os Portuguêses ao relento? Não teriam êles as suas casas? Não é de crer; e se se objetivasse que os portuguêses, que por ali andavam, não tinham intenção de fundar uma cidade, o mesmo se replicaria dos holandeses; o que basta por si só para abalar a segurança. O de que ninguém dúvida, seja católico ou protestante, português, brasileiro ou holandês, é do critério estável sôbre a integridade atual e histórica do Brasil. O terem-se botado em 1654 os Holandeses fora do Brasil, de que fazia parte o Ceará, foi o grande milagre luso-brasileiro do século XVII.

Quanto à denominação da cidade, já antes de o holandês chegar ao Ceará (1649), tinha Barlaeus publicado em 1647 a planta portuguêsa de uma ARX IN SIARA, que em vernáculo soa FORTALEZA DO CEARÁ — e aí está o NOME. O nome de Fortaleza já andava no ar antes dos Holandeses, embora a qualificação pareça ter-se fixado em definitiva, no sítio atual, com a Fortaleza da Assunção, posterior aos mesmos Holandeses. Talvez até desta Fortaleza não fôsse desacertado datar a fundação efetiva da cidade. A primeira planta da Vila de Fortaleza, que a boa musa Clio, há vinte e tantos anos, nos revelou a nós mesmos no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, reza assim: VILA NOVA DA FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO DA CAPITANIA DO CEARA GRANDE QUE SUA MAJESTADE QUE DEUS GUARDE FOI SERVIDO MANDAR CRIAR.

Planta e dizeres, que são já do século XVIII. E demonstram: primeiro, o precário e lento evoluir do povoado que em 1726 não passava ainda de vila; segundo, que o processo da fundação difere do de outras grandes cidades do Brasil, para as quais o nome do fundador é evidente. Dizemos grandes, porque Fortaleza hoje o é formosa e cheia de vida, como a despertar o afã de estudar as próprias origens. Mas a importância moderna, se prestigia o passado, não muda o processo histórico da sua evolução; e todos os possíveis nomes de fundador oferecem dúvidas para o serem no pleno sentido do vocábulo. Nem destas dúvidas está imune o mais célebre de todos e sôbre o qual Afrânio Peixoto escreveu o livrinho MARTIM SOARES MORENO, FUNDADOR DO SEARÁ, INICIADOR DO MARANHÃO E DO PARÁ, HERÓI DA RESTAURAÇÃO DO BRASIL CONTRA FRANCESES E HOLANDESES (Lisboa 1940).

Ora, de premissas incompletas e duvidosas não se podem tirar conclusões certas. Nem entre os Portuguêses (de Portugal ou do Brasil), nem entre os Holandeses, se apresenta nenhum fundador da atual capital do Ceará com tôda a fôrça da evidência.

Mas, enfim, conclusão tão negativa não haveria meio de se atenuar? Não se poderiam orientar as pesquisas para um nome representativo?

Sem dúvida. O perigo está em que se não acobertam injustiças históricas na penumbra dos símbolos. Em relação a Fortaleza, o menos bem cabido seria, em todo caso, o holandês. Além das dúvidas, comuns aos outros nomes de possibilidade representativa, êle oferece o inconveniente prático — êste, sim, evidente — de se incrustar num plano bélico dirigido contra a integridade e unidade nacional; e tais tentativas de desagregação sempre as repudiou a consciência brasileira.

(De «BROTÉRIA» — Revista Contemporânea de Cultura. Lisboa — 1962 — N. 5.)